

O Tradicionalismo Cultural de Mario Vieira de Mello.

The Cultural Traditionalism of Mario Vieira de Mello.

Cesar Alberto Ranquetat Júnior

<http://lattes.cnpq.br/7029626865220915>

Coautora - Marlice da Rosa Carneiro

<http://lattes.cnpq.br/2082051520026320>

Resumo:

O artigo se propõe a refletir acerca das considerações sociológicas e perspectivas pedagógicas do filósofo brasileiro Mario Vieira de Mello. O referido autor dedicou boa parte de sua vida aos estudos e ao resgate dos princípios humanísticos que nortearam a cultura clássica. Em suas obras, Vieira de Mello destaca a importância da sociedade moderna compreender o verdadeiro fim e essência das concepções de cultura e educação baseadas no pensamento clássico e humanístico. O presente texto se baseia em ampla revisão bibliográfica sobre o tema em questão, assim como em uma reflexão cuidadosa e um diálogo com as ideias de Mario Vieira de Mello. O filósofo apresenta uma análise crítica da sociedade brasileira, a qual teria sido forjada com base em uma mentalidade estetizante, vindo a se tornar um povo que interpreta a vida através de uma perspectiva puramente estética, isto é, exterior, superficial e de um modo unicamente ornamental. Neste sentido, Mario Vieira de Mello ressalta o confronto entre o princípio ético e o princípio estético que caracteriza a modernidade ocidental. Sua proposta representa uma tentativa de resgate da tradição cultural clássica procurando restaurar o sentido original da educação cujo objetivo e fim primordial seria a formação interior do ser humano.

Palavras-chave: Humanismo. Educação clássica. Cultura.

Abstract:

This article aims to reflect on the sociological considerations and pedagogical perspectives of the Brazilian philosopher Mario Vieira de Mello. The aforementioned author dedicated much of his life to studying and rescuing the humanistic principles that guided classical culture. In his works, Vieira de Mello highlights the importance of modern society understanding the true purpose and essence of the concepts of culture and education based on classical and humanistic thought. This text is based on a broad bibliographical review on the subject in question, as well

as on a careful reflection and dialogue with the ideas of Mario Vieira Mello. The philosopher presents a critical analysis of Brazilian society, which was allegedly forged based on an aestheticizing mentality, becoming a people who interpret life through a purely aesthetic perspective, that is, external, superficial and in a solely ornamental way. In this sense, Mario Vieira de Mello highlights the confrontation between the ethical principle and the aesthetic principle that characterizes Western modernity. His proposal represents an attempt to rescue the classical cultural tradition, seeking to restore the original meaning of education, whose primary objective and purpose would be the inner formation of the human being.

Keywords: Humanism. Classical education. Culture.

Biografia de Mario Vieira de Mello

Mario Vieira de Mello foi um notável estudioso, filósofo, cientista político e diplomata brasileiro que promoveu importantes contribuições ao pensamento nacional.

Vieira de Mello nasceu em Newcastle na Inglaterra em 26 de maio de 1912 (VITORINO, 2014). Embora tenha nascido no exterior, Vieira de Mello construiu sua trajetória educacional no Brasil. Na década de 30 obteve seu diploma de Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, localizada no Rio de Janeiro (FONTES, 2018).

Em 1939, Vieira de Mello ingressou na carreira diplomática. Entre 1942 e 1958, serviu em postos diplomáticos em países europeus (VITORINO, 2014). Esteve em missão em países como a Irlanda, Suíça, Itália e Gana, até o ano de 1977 quando se aposentou. Após a aposentadoria Vieira de Mello fixou-se em definitivo no Brasil. Com tempo livre para atividades reflexivas, ele passou a participar ativamente de debates universitários, principalmente na Universidade de Brasília (UNB) e no Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (IEPES), situado no Rio de Janeiro (VITORINO, 2014).

Ao longo de 40 anos de atividade intelectual, Mario Vieira de Mello teve seis obras publicadas, as quais abordam temas como Política, Educação e Cultura Brasileira. Por meio de seu pensamento e de suas obras, Vieira de Mello realizou corajosas contribuições, tendo em vista

um resgate da concepção clássica de Educação e Cultura. Faleceu em 30 de março de 2006 aos 93 anos.

Introdução à Proposta Cultural de Mario Vieira de Mello

Embora Vieira de Mello tenha sido um grande pensador e possuidor de uma filosofia bastante rica, hoje pouco se conhece de seu trabalho. Sendo assim, observamos uma escassez de materiais que tenham feito um exame detalhado das ideias do referido autor. Há ainda uma grande carência nos referenciais teóricos que reflitam acerca do valor e do significado de um projeto pedagógico fundado na tradição clássica humanística. Desta forma, temos por objetivo principal refletir, em conformidade com o pensamento de Mario Vieira de Mello, sobre o que é a Cultura e a Educação e qual a finalidade destas numa concepção clássica e humanística.

A obra de Mario Vieira de Mello se desenvolve em torno de três tópicos basilares: a decadência espiritual da civilização ocidental moderna, a defesa do pensamento clássico e humanístico e a análise crítica da sociedade brasileira. Margutti (2015), destaca que a proposta de Vieira de Mello não é uma análise filosófica da questão política, o objetivo é proporcionar uma política com base na perspectiva socrático-platônica, ou seja, uma *política filosófica*; o eixo desta abordagem é a educação do ser humano com um enfoque moral, portanto, uma proposta filosófica de caráter ético, platônica e educacional.

De acordo com Mario Vieira de Mello (1986), para termos uma sólida erudição a cultura brasileira necessita adotar uma postura alexandrina, no sentido de estudo e conservação da cultura grega clássica. O autor destaca que não se trata de imitação, alienação ou artificialismo, mas de uma busca por ideias, pois segundo ele:

Só a assimilação desse passado nos porá no caminho da procura de um *ethos* brasileiro alimentado e justificado pela lição insubstituível do humanismo ético, núcleo essencial da cultura democrática e da grande mensagem que representam para o homem ocidental os ensinamentos da visão clássica do mundo (MELLO, 1986, p.193).

Mario Vieira de Mello levanta um importante conceito, denominado de Estetismo, o que o filósofo considerou um traço marcante da cultura nacional. Ao contrário de outras culturas que foram moldadas em um contexto de tensão entre concepções éticas e estéticas, por motivos

históricos e de escolha voluntária da nação, a cultura brasileira foi forjada sob influência exclusiva da doutrina estética, causa pela qual apresenta hoje uma mordaz inclinação ornamental (FONTES, 2018).

O pensamento de Vieira de Mello entra em contraste com a cultura contemporânea, visto que, de um lado é materialista e tecnicista e de outro temos uma educação sendo banalizada, muitas vezes sendo transformada em instrumento de militância política e ideológica, ou seja, temos uma educação que perdeu o seu verdadeiro propósito e que parece ignorar por completo a sua essência.

O filósofo brasileiro destaca a importância de reatar a relação entre cultura e educação, de restituir o arquétipo grego da *Paidéia*, da formação plena do indivíduo, próprio da cultura clássica e do humanismo ético de Sócrates e Platão. Nesta percepção pedagógica, a educação é guiada pela cultura, sendo esta entendida essencialmente como o aperfeiçoamento do intelecto e da interioridade humana.

Conforme será descrito neste trabalho, Mario Vieira de Mello relaciona a ideia de educação com a busca pela verdadeira liberdade, que só é possível quando o homem se integra plenamente ao mundo da cultura. De maneira sucinta, o estudioso manifesta grande preocupação pelos problemas éticos, bem como enfatiza a importância da cultura e da educação para compor uma sociedade justa, equilibrada e madura.

Liberdade Exterior e Liberdade Interior

Mello (2001, p.38), em uma de suas obras nos apresenta os valorosos questionamentos: “Somos verdadeiramente livres? De que maneira se manifesta essa liberdade?” O autor então propõe uma distinção entre dois tipos de liberdade: a liberdade exterior e a liberdade interior.

A liberdade exterior entende-se como a liberdade no sentido social e político, pois a mesma está ligada ao nosso comportamento externo. De acordo com Felipe (2013, p.624), a liberdade exterior “relaciona-se com a problemática do Poder e parte da noção de que os homens são iguais e livres a fim de terem o poder de fazer livremente e igualmente as mesmas coisas”.

Como exemplo, temos as liberdades fundamentais do ser humano, como a liberdade de expressão, o direito de voto e a liberdade religiosa.

A liberdade interior corresponde ao “autocontrole das paixões e instintos pela razão e só se configura quando o homem se integra completamente no mundo da Cultura através da educação” (FELIPE, 2013, p.624). A liberdade interior é conquistada arduamente, ela deve ser esculpida diariamente, ordenada, pois está relacionada a nossa alma, sendo esta uma liberdade de base espiritual. Podemos moldá-la através da vida espiritual, da cultura humanística, das virtudes morais, da vida intelectual e das reflexões filosóficas. Mello (1986, p.125), destaca o seguinte:

Sócrates, como educador procurava descobrir a verdade da alma humana para discipliná-la e organizá-la de modo a torná-la cada vez melhor. Como estadista procurava mostrar que as raízes de qualquer constituição da sociedade estavam plantadas no interior da alma individual do homem.

Em síntese, a liberdade interior é transcendental, pois inclui a ordenação da alma, a formação do indivíduo e seu vínculo com a comunidade; já a liberdade exterior é imanente, visto que prioriza a dimensão material (FELIPE, 2013). À medida que a primeira se relaciona com a ideia de *Paidéia*, a segunda exhibe uma concepção instrumental.

Sócrates e Platão foram os primeiros autores a se ocupar da verdadeira liberdade, a liberdade interior e moral. Estes deram origem à perspectiva de liberdade espiritual, tal como afirmou Sócrates, “o homem pode ser socialmente livre e interiormente escravo, como pode ser socialmente escravo e interiormente livre” (MELLO, 2001, p.9).

Na concepção de Sócrates, a economia moral do ser humano se traduz pela hegemonia da razão sobre as paixões e os instintos, mas isso não como uma expressão de um serviço prestado ao conhecimento, mas como a expressão de um serviço prestado à liberdade (MELLO, 2001.p.14).

A Cultura Estetizante

Conforme descreve Arendt (2016), a noção de cultura, tanto a palavra como o conceito, é de origem romana; o termo “cultura” origina-se de *colere*, relativo a cultivar, habitar, criar e preservar. A expressão latina associava-se, sobretudo, a conexão entre homem e natureza; vale destacar que para os romanos havia ainda uma relação entre a cultura (no sentido de cultivar a

terra) e o culto religioso. De acordo com Arendt (2016, p.156), foi Cícero quem deu um sentido cívico para o termo cultura:

[...] a palavra indica uma atitude de carinhoso cuidado e se coloca em aguda oposição a todo esforço de sujeitar a natureza à dominação do homem. Em decorrência, não se aplica apenas ao amanho do solo, mas pode designar outrossim o “culto” aos deuses, o cuidado com aquilo que lhes pertence. Creio ter sido Cícero quem primeiro usou a palavra para questões do espírito e da alma. Ele fala de *excolere animum*, cultivar o espírito, e de *cultura animi* no mesmo sentido em que falamos ainda hoje de um espírito cultivado, só que não mais estamos cômicos do pleno conteúdo metafórico de tal emprego.

Se analisarmos com atenção, perceberemos que Cícero já destacava a importância de uma cultura voltada para o cultivo da alma (SANTOS FILHO, 2021). Para a filósofa Hannah Arendt (2016), o sentido da expressão *cultura animi* se aproximava do que os gregos entendiam como *paidéia*. Conforme descreve o helenista Werner Jaeger (1994, p.5), “a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os Gregos”.

Hoje em dia costumamos empregar a palavra cultura não no sentido de um ideal próprio da humanidade herdeira da Grécia. Aquilo ao qual hoje entendemos por “cultura” não passa de um “produto deteriorado, derradeira metamorfose do conceito grego originário” (JAEGER, 1994, p.8), pois para os gregos a *paidéia* não era representada por elementos exteriores da vida, incompreensíveis, fluidos e anárquicos:

A palavra [cultura] converteu-se num simples conceito antropológico descritivo. Já não significa um alto conceito de valor, um ideal consciente. Com este vago sentimento analógico, nos é permitido falar de uma cultura chinesa, hindu, babilônica, hebraica ou egípcia, embora nenhum destes povos tenha uma palavra ou conceito que a designe de modo consciente (JAEGER, 1994, p.27).

Na obra *Desenvolvimento e Cultura*, Mario Vieira de Mello destaca que se estabeleceu no Brasil a tendência estetizante do romantismo no século XIX. Em 1922 com a Semana da Arte Moderna em São Paulo, o Brasil teve uma reformulação de suas ideias no campo cultural, entretanto, a cultura nacional não se desviou da linha estetizante, sendo esta a fonte de inspiração da intelectualidade brasileira (MELLO, 1982). É longo e tortuoso o processo que conduziu a uma verdadeira desvinculação entre Cultura e Educação, uma das consequências desta dinâmica de dissociação é o primado do superficial, do estético entendido como mero adorno cultural sem importância existencial, deixando-nos assim a mercê de uma cultura puramente tecnicista:

Vieira de Mello defendia a tese de que a cultura brasileira desestimulava uma autêntica vivência moral. Parecia-lhe que a questão era considerada de modo superficial. Atribuía a circunstância à influência do romantismo. Embora considerasse que o diagnóstico traduzia uma situação real, o livro não se apoiava no registro do desdobramento dessa temática na meditação nacional, mas na aplicação (sem dúvida brilhante) da tese, de Kierkegaard, segundo a qual a modernidade caracterizava-se pelo confronto entre o princípio ético e o princípio estético (PAIM, 2008, p.28).

Conforme descreveu Mello (2009, p.103), em sua proposta “o problema da cultura é considerado como fundamental para os destinos da nação”, pois desenvolvimento e cultura representam “fatores ligados pela mais íntima e necessária interdependência”.

Mario Vieira de Mello (2009), destaca que para combatermos o estetismo de nossa sociedade o caminho deverá ser guiado por uma profunda meditação sobre os fundamentos éticos da cultura. Parte da sociedade brasileira apresenta forte inclinação à defesa de teorias impregnadas de moralismo irracional:

Num país como o nosso, onde a moralidade se encontra sufocada e desvirtuada pelos acréscimos, superposições e falseamentos do estetismo, defender a hipótese de uma ética marxista é comprometer de uma vez por todas nossas possibilidades de chegarmos um dia a compreender verdadeiramente o que seja o espírito ético (MELLO, 2009, p.299).

Educação

Sobre este tópico, podemos iniciar nossa discussão buscando refletir em torno das seguintes questões: O que realmente é a Educação e qual seu verdadeiro fim? Ela tem por função principal adaptar o indivíduo à sociedade? Ou ainda, seria esta uma mera ferramenta para alimentar determinado sistema social e político?

Em 1932 o Brasil teve uma reestruturação no campo educacional, esse fato se deu através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Com a reforma o ensino brasileiro passou a ter um grande interesse pela pedagogia norte-americana e seus métodos de formação do indivíduo (MELLO, 1982). Entretanto, tal fato entra em contradição com o objetivo educacional dos renovadores: o propósito seria uma educação que não perdesse de vista as particularidades e necessidades da sociedade para qual foi projetada. Porém, tencionava-se uma educação que em

nada vinculava-se com a realidade sociocultural do país, pois os princípios que estavam sendo importados advinham de sociedades com tradições culturais completamente diferentes das nossas.

Vieira de Mello enfatiza ainda que, na verdade, a educação brasileira não tencionava antes, como não tenciona ainda hoje, criar um *ethos* social, mas “criar o grande profissional, a figura brilhante, o herói da inteligência, ideal estético que domina de maneira avassaladora o ambiente cultural do país” (MELLO, 1986, p.51).

Para os pioneiros do Manifesto da Educação “os fins da educação são variáveis e dependentes deste ou daquele tipo de organização social de uma determinada nação numa determinada época” (MELLO, 1986, p.68). Em contrapartida, Vieira de Mello (1986), defende que a educação não deveria estar subordinada à organizações sociais ou qualquer tipo de sistema político, pois os fins da educação não variam segundo a forma de organização dentro da qual está sendo aplicada. O filósofo enfatiza:

Fora dentro de um sistema democrático de organização social que a arte da educação fora descoberta; mas isto não significava que a educação devesse ser concebida como necessariamente vinculada a um sistema político-social e vinculada na forma de uma subordinação. Era a democracia que deveria se subordinar à educação e não a educação à democracia (MELLO, 1986, p.68).

Segundo Mello (1986), o primeiro passo que os pioneiros deveriam ter dado para empreender no país uma reforma pedagógica seria a análise rigorosa da situação moral e intelectual da cultura brasileira, desta maneira a reforma se abriria a um campo mais vasto do que hoje nos é ofertado. Tendo em vista uma reestruturação da educação nacional é imprescindível que as universidades busquem diretamente as fontes vivas e permanentes da cultura, visto que, só dentro da universidade, poderá ser elaborada e delineada com nitidez suficiente no horizonte intelectual do homem contemporâneo a forma interior de liberdade (MELLO, 1986).

Na concepção de Vieira de Mello (1986), a universidade brasileira para ser fiel ao autêntico espírito universitário, deve ser pura e unicamente um ambiente cultural e acadêmico. Acerca disto assevera o filósofo inglês Michael Oakshott:

Nos últimos anos, o conceito de universidade tem se misturado com noções como “ensino superior”, “formação avançada”, “cursos de atualização para adultos”; coisas admiráveis, mas que realmente pouco tem a ver com a universidade. E é hora de fazer

algo para esclarecer essa confusão. Porque essas ideias pertencem ao mundo do poder e da utilidade, da exploração, do egoísmo social e individual e da atividade, cujo significado se encontra fora delas, num resultado ou realização trivial; e este não é o mundo ao qual pertencem as universidades; não é o mundo ao qual pertence a educação em seu verdadeiro sentido (OAKESHOTT, 2009, p.143).

A ideia platônica de “construção do homem dentro do homem” pode soar com certa estranheza aos ouvidos do homem contemporâneo. Na concepção de Platão o Estado não deve educar o homem para instrumentalizá-lo de acordo com seus fins, mas se subordinar aos fins da Educação para promover o aperfeiçoamento da alma do indivíduo; deve tornar o homem melhor. Conforme a visão platônica, há uma transferência do Estado para o interior do indivíduo, tal como descreve Mello (1986, p.126):

Não se pode por conseguinte dizer nem que o Platão-socrático procurava reformar o Estado a partir do indivíduo nem que procurava reformar o indivíduo a partir do Estado. O ponto de aplicação de seu esforço é o Estado no indivíduo, no interior da alma individual, concepção que nós modernos temos imensa dificuldade em assimilar porque para nós o Estado é sempre uma entidade objetiva e totalmente dissociada da realidade da nossa alma individual. [...] Tal é o sentido último da concepção platônica do Estado dentro do homem.

A proposta pedagógica de Vieira de Mello não visa inovações, mas resgatar o que há de mais rico e precioso na nossa tradição fundadora, sendo esta de origem greco-romana e cristã.

O esforço a que estamos aludindo é evidentemente o esforço educacional. Mas não o esforço representado por uma atividade educacional qualquer, mas o que é representado por aquela atividade educacional que coloca no centro de suas preocupações o desenvolvimento de um humanismo ético (MELLO, 1986, p.188).

Considerações Finais

Conforme buscamos destacar ao longo deste trabalho, nos parece evidente o esvaziamento do sentido original de cultura e de educação. Desconhecemos a verdadeira essência de tais termos. Cultura passou a ser sinônimo de algo ornamental, estético, foi reduzida a um trivial conceito que representa elementos externos à vida humana.

A coesão e o fortalecimento de uma sociedade dependem da educação. Sobre isto afirma de maneira aguda Mario Vieira de Mello:

A cultura clássica dos gregos se distingue de todas as outras culturas por três traços fundamentais: seu idealismo, sua filosofia e sua *paidéia*, ou em outras palavras, seu espírito educacional. A educação na Grécia clássica ou pelo menos no espírito de seus representantes máximos, Sócrates e Platão, não tem o mesmo sentido que tem em outros sistemas culturais. Não se trata apenas de um exercício e de um método de desenvolver talentos e faculdades, mas de todo um processo de transformação em virtude do qual uma mera possibilidade passa a ser uma realidade, um ser, uma criatura que, originando-se de uma mera possibilidade de humanidade, se apresenta agora como homem. Este é o verdadeiro sentido de humanismo, a razão pela qual podemos dizer que na Grécia clássica a educação tem uma posição central na vida humana (MELLO, 1996, p.19).

Referências Bibliográficas

- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, ed.8, 2016.
- FELIPE, Kaio. A Liberdade no Pensamento Cultural e Político de Mario Vieira de Mello. **MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia**, n.2, p.621-631, 2013.
- FONTES, Filipe Costa. **Cultura brasileira e educação: indícios de estetismo na história do planejamento educacional brasileiro**. Dissertação (Doutorado) – Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, ed.3, 1994.
- MARGUTTI, Paulo. **Desenvolvimento, cultura, ética: as ideias filosóficas de Mario Vieira de Mello**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MELLO, Mario Vieira de. **Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, ed.3, 2009.
- MELLO, Mario Vieira de. Educação e Cultura. **Digesto Econômico**, São Paulo, n.288, p.3-23, 1982.
- MELLO, Mario Vieira de. **O conceito de uma educação da cultura — com referência ao estetismo e à criação de um espírito ético no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MELLO, Mario Vieira de. **O homem curioso: O problema da exterioridade na Filosofia de Aristóteles**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

OAKESHOTT, Michael. **La voz del aprendizaje liberal**. Tradução: Ana Bello. Buenos Aires: Liberty Fund e Katz, 2009.

PAIM, Antônio. Avanços na determinação do conteúdo do debate ético no Brasil. **Estudos Filosóficos**, São João del-Rei - MG, n.1, p.28-43, 2008.

SANTOS FILHO, José dos. Arendt e Cícero: as “origens” do *sensus communis* como sentido político. **Cadernos Arendt**, v.2, n.4, 2021.

VITORINO, Artur José Renda. Recensões sobre educação e democracia ética na obra de Mario Vieira de Mello. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, v.30, n.4, p.229-250, 2014.